

O que os olhos não vêem o coração não sente?

Pedro Paulo V. A. Azevedo*

Esse ditado popular, sobejamente conhecido, pode ser considerado de validade universal? Melhor indagando, é sempre aplicável?

Penso que não. Os que os olhos não vêem podem fazer o coração sentir, e, em muitas situações, em dobro. Nesse caso quanto mais longe estamos de determinado lugar, pessoa, situação, lembrança ou fantasia, mais perto do coração ficam os sentimentos, sobretudo se são sentimentos que procuramos abafar.

Refiro-me aqui as pessoas ditas normais e não as neuróticas, pois essas últimas teriam uma capacidade exacerbada de reter as coisas. Como disse Freud: “os *neuróticos sofrem de reminiscências*”. Lembro aqui que nada qualitativamente separa os neuróticos dos ditos normais, sendo tudo uma questão de quantidade. Os primeiros trabalham com quantidades que interferem na qualidade da vida não permitindo desfrutá-la e gozá-la.

Descontando a tendência neurótica de retenção das representações psíquicas daquilo que já passamos, todos nós humanos temos uma memória, e, essa memória, cobra seu preço para operar. E um dos preços a pagar é a própria lembrança. Lembrança que nem sempre é dolorosa, sendo muitas vezes prazerosa. Cabe aqui a máxima de que *recordar é viver!*

A falta voluntária, conveniente ou negligente da memória por outro lado poupa o coração dos “esquecidos”, mas, podem dilacerar corações e mentes, sobretudo dos que se comprometem com a história. Alguns “destemidos” chegam a afirmar: “*mato em vida!*”. E bola pra frente! Sabemos que o sepultamento da memória é o principal instrumento das tiranias ferozes, dos genocídios em massa, do silêncio da história. Silêncio esse que torna a sociedade humana eminentemente antiética e brutal. Brutalidade expressa nas guerras de todos os tipos que o grande Leonardo Da Vinci chamava a *bestialidade humana!*

Amnésia que torna sim uma sociedade antiética, pois uma sociedade que apaga sua história desonra seus ancestrais e seu *ETHOS*, que na cosmogonia grega era a morada junto aos deuses. Ética como um valor que antecede a tudo, e que marca assim uma anterioridade absoluta.

Para os que sofrem desse recalque “vantajoso”, poderíamos formular então a seguinte sentença: *os que os olhos não verem (porque não querem ou porque não podem) o coração não sentirá.*

Um Édipo *que não pode*, melhor do que os esquecidos perversos que *não querem*, chegará a essa conclusão, de que ver é doloroso e dará preferência a cegueira. Estará tudo pronto para assistirmos parricídios, filicídios, fratricídios, etc. Ou seja, toda sorte de cegueiras diante dos valores civilizatórios, escuridões dignas de um “*Ensaio sobre a cegueira*” do grande Saramago.

*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).